

A permeação da violência doméstica e das representações sociais na novela “segundo sol”

JEAN COSTA SOUSA

Universidade Federal do Goiás

MAGNO LUIZ MEDEIROS

Universidade Federal do Goiás

Resumo

O artigo tem como objetivo discutir quais os tipos de violência doméstica e familiar que as mulheres têm sofrido em suas relações afetivas com seus companheiros/e ou parceiros e como a telenovela “Segundo Sol” traz essa relação. Para tanto, a pesquisa se divide em conceitual e documental. Nesse contexto, buscamos tratar dos fundamentos teóricos sobre as Teorias das Representações Sociais, dos Meios de Comunicação, da Violência Doméstica e de Gênero. Apresentaremos uma pesquisa documental realizada no Núcleo de Atendimento à Família e aos Autores de Violência Doméstica, programa que atende a população de Brasília, promovido pelo Governo do Distrito Federal. Também buscamos entre as especificidades e inovações trazidas pela Lei de nº 11.340 de 07 de agosto de 2006, conhecida como Lei Maria da Penha, com isso pretendemos provocar reflexão sobre definição, as tipificações de violência doméstica e familiar, e como os meios de comunicação – de forma específica a telenovela - tem trabalhado com a temática. Para tanto, propomos como metodologia de pesquisa a análise de conteúdo como método de investigação. Assim, nos permite fazer um diálogo entre a cena e o resultado da pesquisa documental do formulário de acolhimento. Onde incide que as mulheres não sofrem apenas um tipo de violência doméstica nas suas relações com seu parceiro/ e ou companheiro, pois a pesquisa aponta que a violência física está geralmente associada a outro tipo de violência doméstica e familiar tais como: psicológica, moral e patrimonial.

Palavras-chave: Gênero; Meios de Comunicação; Representações Sociais; Violência Doméstica.

Abstract

The article aims to discuss the types of domestic and family violence that women have suffered in their affective relationships with their partners and/or partners and how the telenovela “Segundo Sol” brings this relationship. Therefore, the research is divided into conceptual and documental. In this context, we seek to address the theoretical foundations on the Theories of Social Representations, Media, Domestic Violence and Gender. We will present a documentary research carried out at the Center for Assistance to the Family and Authors of Domestic Violence, a program that serves the population of Brasília, promoted by the Government of the Federal District. We also searched among the specificities and innovations brought by Law nº 11.340 of August 7, 2006, known as the Maria da Penha Law, with this we intend to provoke reflection on the definition, the typifications of domestic and family violence, and how the media – specifically the telenovela - has been working with the theme. Therefore, we propose content analysis as a research methodology as a research method. Thus, it allows us to establish a dialogue between the scene and the result of the documentary research of the reception form. Where does it affect that women do not suffer only one type of domestic violence in their relationships with their partner / and or partner, as the research points out that physical violence is generally associated with another type of domestic and family violence such as: psychological, moral and heritage.

Keywords: Gender; Media; Social Representations; Domestic violence.

1. Introdução

De forma constante no campo dos meios de comunicação tem sido pauta a temática sobre violência doméstica contra as mulheres. O presente texto consiste em uma proposta de reflexão sobre as desigualdades socioculturais implantadas na sociedade entre mulheres e homens desenvolvidas ao longo do tempo, assim, surgiu uma relação pautada na discriminação, na desigualdade, na subordinação e no abuso de poder que também está correlacionada a violência de gênero.

A violência contra as mulheres configura-se como problema histórico que afeta mulheres em diversos países, independentemente de sua raça, classe social ou etnia. É uma problemática social, que se materializa nas relações afetivas e domésticas. Conforme pesquisadores (MELO e TELES, 2003; SAFFIOTI, 2004) apontam, as mulheres são vulneráveis nessas relações pelo simples fato de serem mulheres (DINIZ, 1999; MEDEIROS, 2015). É no espaço doméstico onde a maior parte das agressões ocorre e geralmente é praticada pelos próprios maridos e/ou companheiros.

A Lei 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha – LMP (BRASIL, 2006), em seu artigo 5º, define a violência doméstica e familiar contra a mulher “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial”. Entre as especificidades e inovações trazidas pela Lei, pretendemos refletir neste artigo sobre a definição e as tipificações de violência.

Considerando a relevância dos meios de comunicação na luta pelo fim da violência contra as mulheres, cresce em importância a compreensão de como os meios midiáticos abordam questões ligadas à violência doméstica. Sabe-se que os meios de comunicação promovem diversos eventos motivadores, com o objetivo de ajudar a sociedade a refletir sobre a violência doméstica e familiar, a cidadania, políticas públicas que beneficiem o povo, a democracia, e promoção da paz.

2. As Representações Sociais e o Campo da Comunicação Social

O que é a Teoria das Representações Sociais (TRS) de onde partir? *A priori* vamos entender o que diz o dicionário¹ sobre a palavra *grupo*, é o “conjunto de elementos da mesma natureza que contém, com cada elemento, o seu inverso, e, com cada grupo de

¹ Conceito de acordo com o <https://dicionariodoaurelio.com/grupo>. (Acessado em 20 de julho de 2018).

elementos, a sua resultante”. Assim, podemos compreender que é como o grupo pensa e age nas suas relações cotidianas e como esses objetos o afetam.

Uma das finalidades de grupo é buscar o interesse comum entre eles, com suas ideias e que tenha o mesmo objetivo. Porém, isso não deve descartar a individualidade de cada indivíduo dentro desse grupo, é isso que faz o grupo no seu universo e a composição dos seus elementos. Então, como nós vemos, entendemos e interpretamos o mundo e a partir daí reproduzimos e damos significados.

Portanto, podemos entender que a Teoria das Representações Sociais parte de um conjunto de elucidação, crenças, vivências, ideias, experiências partilhadas a um grupo de indivíduos; que é a consequência da vivência social, entretanto, sem perder a individualidade de cada um. A TRS é algo construído em grupo e não por um indivíduo isoladamente. (MOSCOVICI, 2017).

Para o autor Moscovici (2017, p. 46) a Teoria das Representações Sociais “devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos”. Por outro lado, ela “restaura a consciência coletiva e lhe dão forma, explicando os objetos e acontecimentos de tal modo que eles se tornam acessíveis a qualquer um e coincidem com nossos interesses imediatos”. (MOSCOVICI, 2017, p. 52).

Dessa maneira, a TRS é um excelente instrumento para confrontar as ideias, pensamentos e registros do grupo do qual é disponibilizado a ser estudado. Iremos trabalhar com mulheres que vivem ou que estão passando por situação de violência doméstica nas suas relações afetivas com seu companheiro ou parceiro. Como a própria Teorias das Representações Sociais propõe o esclarecimento sobre os fenômenos sociais, então, buscaremos compreender o pensamento e comportamento comuns dos indivíduos no grupo. Pois a TRS busca canalizar o fluxo das emoções e de relações interpessoais. (MOSCOVICI, 2017).

Como coloca a autora Jordão (2015, p. 79-80) que possamos pensar na TRS como “parte da subjetividade das pessoas e grupos, e que vão refletir em alguma medida a sua identidade social e condições de existência”. Nesse sentido, vamos abordar a relação das mulheres e homens que vivem ou estão em situação de violência doméstica e familiar. Como é o discurso desse grupo na sociedade e que relação é essa? Quais seus pensamentos, ideias e crenças? O que há por traz dessa relação? Será apenas uma questão relacional e afetiva? E como a mídia expõe e trata essa situação?

Para Moscovici (2017) a Teorias das Representações Sociais toma como ponto de partida,

A diversidade dos indivíduos, atitudes e fenômenos, em toda sua estranheza e imprevisibilidade. Seu objetivo é descobrir como os indivíduos e grupos podem construir um mundo estável, previsível, a partir de tal diversidade. (MOSCOVICI, 2017 p. 78).

Dessa forma, quando vemos algo e de forma instintiva como animal, logo há indicação que aconteceu algo ali, portanto, na violência doméstica e familiar se houve um atrito seja qual for, e, por menor que seja aos olhos de quem está de fora, então, existe uma causa e um efeito. Corrobora com esse pensamento Moscovici (2017, p. 79) “não existe fumaça sem fogo”.

Por essa perspectiva, o autor Medeiros (2011) aborda a historicidade da Teoria Hipodérmica a relação entre emissor e receptor, criticando, principalmente, a subestimação do receptor em algumas correntes teóricas. A Teoria Hipodérmica enxergava os receptores como grupo de forma passível de estímulos dos meios de comunicação de massa (MCM). Segundo esta teoria, todo estímulo desperta de maneira inevitável uma reação que é objetivada pelos emissores, consoante com a perspectiva dos estudos behavioristas.

Desde modo, vale destacar a contribuição de Moscovici (2017) quanto o pensamento sobre manipulação,

Para não dizer de distorção da causalidade, provam que a cortina de fumaça não tem sempre como finalidade esconder astutamente medidas repressivas, mas podem, na verdade, chamar nossa atenção para elas, de tal modo que os espectadores sejam levados a supor que haveria, certamente, boas razões para acender o fogo. (MOSCOVICI, 2017, p. 80).

Nesta acepção, a Teoria das Representações Sociais age sob dois pontos diferentes de motivações, pois o “pensamento é bicausal e não monocausal e estabelece, simultaneamente, uma relação de causa e efeito e uma relação de fins e meios”. (MOSCOVICI, 2017, p. 80). Entretanto, o estímulo é uma junção de variedades de estímulos possíveis o que pode ocasionar inúmeras reações. Segundo Moscovici (2017, p. 98) as representações sociais “canalizam o fluxo de emoções e de relações interpessoais flutuantes”.

3. Violência Doméstica e Violência de Gênero permeando nos Meios de Comunicação

Para entender a comunicação social nesse universo da violência doméstica e de gênero, é essencial compreender também os produtos midiáticos, a opinião pública e o

poder. O que percebemos é que “as mídias se reentrelaçam e se reorganizam”. (RAMONET, 2013, p. 89). Por outro lado, os grupos midiáticos tornaram um poder econômico e financeiro que estabelecem as regras dos meios de comunicação. (Ramonet, 2013).

Entretanto, o desenvolvimento e os efeitos dos meios de comunicação são bastante marcados e compreendidos a partir do “funcionamento das redes sociais nas quais os indivíduos têm seu pertencimento, ou seja, os meios de comunicação fazem parte de um processo em que o contato pessoa (influência pessoal) é considerado o aspecto mais aderente e complexo”. (FERREIRA, 2017, p. 91). Assim, pode perceber que o desenvolvimento da internet e o campo da informática foi significativo para essa aderência e que o indivíduo se sente pertencido a esse meio.

A violência vem se tornando cada vez mais um tema preponderante na atualidade pela ampla incidência e complexidade. O fenômeno da violência ocorreu de forma bastante diversificada e tornou um debate transversal influenciando nas discussões sobre economia, educação, saúde e os meios de comunicação. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002), a violência é uso intencional da força para causar dano físico e/ou psicológico a alguma pessoa, grupo ou comunidade.

Segundo Arendt (1994) a violência se configura a partir da sua natureza instrumental e se constitui como um recurso para manter a estrutura de poder. Nesse sentido, quando o poder está ameaçado, cria-se justificativa para a violência. Segundo Chauí (1999), a violência é considerada um ato de brutalidade e pode ser entendida como toda prática e toda ideia que coisifica o sujeito.

Nesse sentido, a violência é um processo histórico e bastante enraizado na nossa cultura de forma que existem diversos instrumentos e dispositivos para ocultá-la e reproduzi-la. Assim, existem várias formas de violência na sociedade, contudo, as violências motivadas pelas desigualdades baseadas no gênero se tornaram proeminentes nas últimas décadas.

A noção gênero surgiu no movimento feminista como forma de questionar a essencialidade das diferenças entre homens e mulheres fundamentadas no sexo e na biologia. Segundo Saffioti (2003) o conceito de gênero se relaciona com a concepção de que mulheres são construções sociais organizadas no percurso histórico e cultural da sociedade. A concepção de mulher pode variar de acordo com o contexto considerando cada momento histórico e seguindo as características de cada sociedade na qual ela esteja inserida.

Dessa forma, a noção de mulheres não é fixa. Não é uma categoria *a priori*. Então, as desigualdades entre homens e mulheres não pode ser simplesmente explicada e justificada apenas pela dimensão biológica. Segundo Louro (2014), gênero se torna um conceito central para contrapor a argumentação do senso comum - revestida em linguagem científica - que a apropria da distinção biológica e sexual para justificar os privilégios dos homens.

De acordo com Chauí (1997), a violência contra a mulher está profundamente enraizada nos valores do patriarcado a partir da ideologia da superioridade do homem sobre as mulheres. Nesse contexto, a violência respaldada pelo sexíssimo e machismo se torna uma experiência comum e aceitável tanto no ambiente público como na vida privada das mulheres.

Conforme Louro (2014) é importante retirar o debate de gênero das essencialidades biológicas e recolocá-lo no campo social e relacional para sublinhar a complexidade e a pluralidade desse conceito.

De acordo com Scott (1995) destaca a importância gênero como uma categoria de análise útil para histórico e se traduzem em relações de poder. Nesse contexto, o conceito de gênero é extremamente útil como ferramenta de análise histórica como também como ferramenta política. É importante compreender a ciência, a política, a cultura, os discursos de forma gendrada considerando a inter-relação entre poder e gênero.

Gênero se constitui como uma ferramenta política de mudança possibilitando a desnaturalização das diferenças sexuais baseadas puramente no poder dos homens. Uma vez que as relações de desigual de gênero foram construídas socialmente, elas podem ser desconstruídas e rearranjadas de forma mais justa e com mais equidade. O conceito de gênero e suas discussões trouxeram novas possibilidades de pensar de forma teórica, metodológica e política os desafios de ser mulher na nossa cultura. Trouxe outras questões e outros caminhos para pensar e combater a violência contra as mulheres.

Como resultado desse movimento, foi criada a Lei Maria da Penha (LMP) que definiu um arcabouço jurídico para combater a violência de gênero e promover a proteção dos direitos das mulheres. Segundo Bandeira (2014), a Lei 11.340/2006 se constituiu como um grande avanço porque incluiu a nomenclatura de violência de gênero nos termos na lei, definiu as formas de violência e acresceu estratégias de prevenção e assistência a mulher. A Lei Maria da Penha ressaltou a responsabilização e o caráter punitivo para os agressores de violência doméstica contra a mulher e sublinhou a importância da presença do Estado e da articulação dos poderes.

4. O Caminho das Análises

Farão parte do estudo a análise de uma pergunta - “*Identificação das formas de violência sofridas durante o relacionamento (perspectiva do/a profissional): () Física () Psicológica () Sexual () Moral () Patrimonial*” -, do “formulário de acolhimento²” dos participantes do programa de atenção às mulheres e aos homens autores de violência contra a parceira e a vítima. Foram levantadas cem respostas de mulheres atendidas nas regiões administrativas de Samambaia e Brazlândia do Distrito Federal. Esse serviço é o Núcleo de Atendimento à Família e aos Autores de Violência Doméstica (NAFAVD) que oferece atendimento às mulheres e homens que vivenciam relações conjugais marcadas pela violência doméstica e familiar.

Há nove Unidades de NAFAVD no Distrito Federal, nas seguintes regiões administrativas tais como: Brasília, Brazlândia, Gama, Samambaia, Santa Maria, Sobradinho, Paranoá, Planaltina e Taguatinga. Também traz o recorte da cena da novela “Segundo Sol” da TV Globo, vivenciados por Nice e Agenor (Kelzy Ecard e Roberto Bonfim).

A atuação no Programa NAFAVD, que assiste à população de Brasília/Distrito Federal. Inserido a Secretaria de Estado do Trabalho, Desenvolvimento Social, Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos do Distrito Federal (SEDESMIDH), demonstrou que é frequente a reprodução nas falas de homens e mulheres de estereótipos de gênero veiculados em campanhas.

Por outro lado, a atuação em equipes multidisciplinares cuja metodologia de ação envolve o uso de elementos da cultura para fomentar discussões, demonstrou como campanhas e propagandas podem ser úteis para suscitar discussões sobre gênero e violência contra as mulheres. Tais observações revelaram a influência de elementos midiáticos na promoção de cultura de paz.

² “Formulário de acolhimento” é um documento elaborado pela equipe multidisciplinar do Programa NAFAVD. A equipe é composta por diferentes áreas tais como: psicologia, serviço social, pedagogia e técnicos administrativos e agentes sociais. No formulário de acolhimento consta o responsável pelo atendimento, perguntas sobre identificação pessoal da pessoa que está sendo atendida, situação sócio econômica, situação de moradia, análise da situação familiar e rede social, indicadores de saúde, histórico da violência doméstica, e por fim, sobre a expectativa do acompanhamento psicossocial. Para cada pessoa atendida há o formulário de acolhimento e sua respectiva pasta de usuária (o), que fica arquivado em cada unidade que realiza o atendimento.

O casal de personagens Nice e Agenor - vividos pela atriz Kelzy Ecard e o ator Roberto Bonfim -, na novela “Segundo sol³” da Rede Globo, estão vivenciando uma típica violência doméstica e familiar que é relatada por muitas mulheres.

No capítulo 70⁴ houve uma cena que foi exibido no dia 02 de agosto de 2018, na novela “Segundo sol”, onde Agenor descobre que Nice está vendendo quentinhas. A cena acontece na casa do casal, com o cenário que envolve a cozinha e a sala da casa. Agenor fica totalmente transtornado ao descobrir que a esposa Nice está produzindo e vendendo marmitas. O diálogo da cena é esse:

Agenor: *Eu não lhe proibi de cozinhar pra fora?*

Nice: *Espera aí Agenor, isso é pecado.*

Agenor: *É, a senhora sabia direitinho que eu tinha proibido num sabia?*

Nice: *Eu fiz o melhor das intenções.*

Agenor: *Ah, pois é olha aqui o que eu faço com as suas boas intenções.*

Nice: *Para como isso Agenor. O que, que é isso? Isso é comida. É até pegado fazer isso com esse monte de gente passando fome.*

Agenor: *Pois eu tô pouco me lixando.*

Nice: *Para Agenor com isso.*

Agenor: *É, a senhora nunca mais vai me desobedecer, ouviu? Pode chorar à vontade. Eu falei que a senhora não vai mais cozinhar pra fora, entendeu? Tá ouvindo? Num vai mais.*

Nice: *Para Agenor. Oh, a sujeirada que você tá fazendo.*

Agenor: *Você vai limpar. Você vai limpar. Você vai ter todo tempo do mundo pra poder limpar.*

Nice: *Para, para. (Gritando).*

Agenor: *Quer, tá gritando comigo? Você tá gritando comigo é isso? Tá gritando comigo é isso? Ah. Oh, olhe você vai limpar essa sujeirada toda. Vai limpar tudinho entendeu? Agora vou ter que ficar de olho em você. É isso? Virou mentirosa que nem suas duas*

³ “Segundo sol”, é a novela das 21h da Rede Globo de Televisão que iniciou no dia 14 de maio de 2018, escrita por João Emanuel Carneiro. Nice (Kelzy Ecard), é casada com Agenor (Roberto Bonfim), tem duas filhas e é de família de classe “C”. Dona de casa criou suas filhas com muito amor, respeito e alegria, além de ser uma mulher de muita fidelidade. Vive numa relação de muita desavença com o marido Agenor, por ser um homem de personalidade difícil, rude e machista. Nice busca viver um casamento tranquilo mesmo com o jeito complicado do esposo, e procura não se abater com o jeito grosseiro e estúpido do marido. Agenor é tido como um homem trabalhador, com muitas lutas conseguiu comprar um apartamento com obras inacabadas, trabalhou por muitos como garçom e com muitas dificuldades conseguiu pagar os estudos da filha. Diante de tanto trabalho para sustentar a família, isso traz ao personagem Agenor uma carga de revolta e insatisfação com a vida. Com tudo isso descarrega na família toda essa angústia e as dificuldades da vida. <https://gshow.globo.com/novelas/segundo-sol/> (Acessado em 20 de julho de 2018).

⁴ <https://gshow.globo.com/novelas/segundo-sol/capitulo/2018/08/02/videos-de-segundo-sol-de-quinta-feira-02-de-agosto.html> (Acessado em 03 de agosto de 2018)

filhas? Elas tiveram pra quem puxar. Quero tudo isso aqui limpinho quando eu voltar, tudo brilhando, entendeu? Eu vou me embora logo, porque se não vou perder a cabeça.

Nice: Chora alto.

Figura 1. Novela Segundo sol – Agenor



Figura 2. Novela Segundo sol – Agenor



Fonte: <https://gshow.globo.com/novelas/segundo-sol/capitulo/2018/08/02/videos-de-segundo-sol-de-quinta-feira-02-de-agosto.ghtml>

Figura 3. Novela Segundo sol – Agenor



Figura 4. Novela Segundo sol – Nice



Fonte: <https://gshow.globo.com/novelas/segundo-sol/capitulo/2018/08/02/videos-de-segundo-sol-de-quinta-feira-02-de-agosto.ghtml>

Figura 5. Novela Segundo sol – Nice



Figura 6. Novela Segundo sol – Nice



Fonte: <https://gshow.globo.com/novelas/segundo-sol/capitulo/2018/08/02/videos-de-segundo-sol-de-quinta-feira-02-de-agosto.ghtml>

Figura 7. Novela Segundo sol – Nice

Figura 8. Novela Segundo sol – Nice



Fonte: <https://gshow.globo.com/novelas/segundo-sol/capitulo/2018/08/02/videos-de-segundo-sol-de-quinta-feira-02-de-agosto.ghtml>

Os meios de comunicação abordam várias temáticas na sociedade e utiliza dos diversos mecanismos para provocar reflexão sobre os mais variados temas. Como podemos observar na novela “Segundo sol” da TV Globo, em um dos seus núcleos o casal Nice e Agenor (Kelzy Ecard e Roberto Bonfim) em sua relação conjugal vivem um casamento conturbado.

A Rede Globo utiliza do seu poder de comunicação para falar dos conflitos que há nas relações familiares, especificamente estamos abordando o confronto da violência doméstica e familiar que muitas mulheres sofrem diariamente. Portanto, é relevante todo esse trabalho desempenhado pelos os meios de comunicação.

A autora Tuzzo (2005, p. 169) ressalta a importância da opinião pública diante dessa situação é “produzida através da consciência dos agentes sociais capazes de pensar criticamente os processos que envolvem a coletividade”, assim, esses espaços surgem na sociedade e que podem refletir sobre os diversos temas que são inseridos. Nesse contexto, as mídias a cada dia estão ocupando um lugar de destaque na vida dos indivíduos.

Por outro lado, a televisão⁵ ainda é o maior meio de comunicação de penetração na massa, pois 95% dos brasileiros assistem TV de forma regular e 74% a veem todos os dias. Com isso as “evidências continuam a se acumular sobre como as maneiras como pensamos e falamos sobre temas públicos são influenciadas pelas imagens dos assuntos apresentados pela mídia”. (McCOMBS, 2009, p. 129). De fato, corrobora a autora Tuzzo (2005, p. 135) “a função da *agenda setting* é uma hipótese de orientação das massas sobre aquilo que deverá ser pensado como assunto social do momento”.

Ressaltamos que diante da cena acima citada das personagens Agenor e Nice fica evidente a violência doméstica e familiar que é tipificada na Lei Maria da Penha. Compreende-se que a violência contra as mulheres pode ser caracterizada de várias formas

⁵ De acordo com dado da Pesquisa Brasileira de Mídia 2015 (PBM 2015), divulgada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom).

e a LMP trouxe essa compreensão que vai desde a violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral.

Desse modo, a cena da novela retrata sobre as violências física, psicológica e patrimonial e corrobora com esse fato o resultado dos dados da pergunta do formulário de acolhimento das mulheres do NAFVD. Mostra que as mulheres não sofrem apenas um tipo de violência doméstica é o que mostra o quadro de resultado, pois 38% das mulheres carregam associada a outro tipo de violência doméstica e familiar a violência psicológica.

Na cena da Nice e Agenor percebemos que a violência física está acompanhada das violências patrimonial e psicológica, como podemos ver nas figuras 1, 3 e 6. A psicológica é identificada em vários momentos do diálogo entre Nice e Agenor, a primeira fala do Agenor “Eu não lhe proibi de cozinhar pra fora?” já traz a violência de acordo com a LMP.

Diante do diálogo de Nice e Agenor, podemos perceber que as representações sociais na forma em que o Agenor se comunica é algo que vem de uma cultura machista e patriarcal. Que é transmitido de geração em geração aos homens, entretanto a sociedade acata essa maneira de ser homem como correto. As representações nos mostram que o indivíduo constrói a se próprio e também a sociedade vive isso. Corrobora com esse pensamento a autora Jordão (2015, p. 81) “o espaço social contribui para a construção do que o indivíduo é, assim como ele contribui para a construção do mundo que o cerca”.

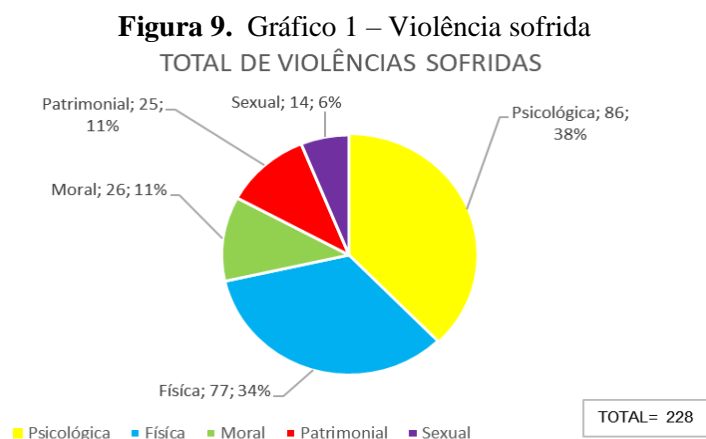
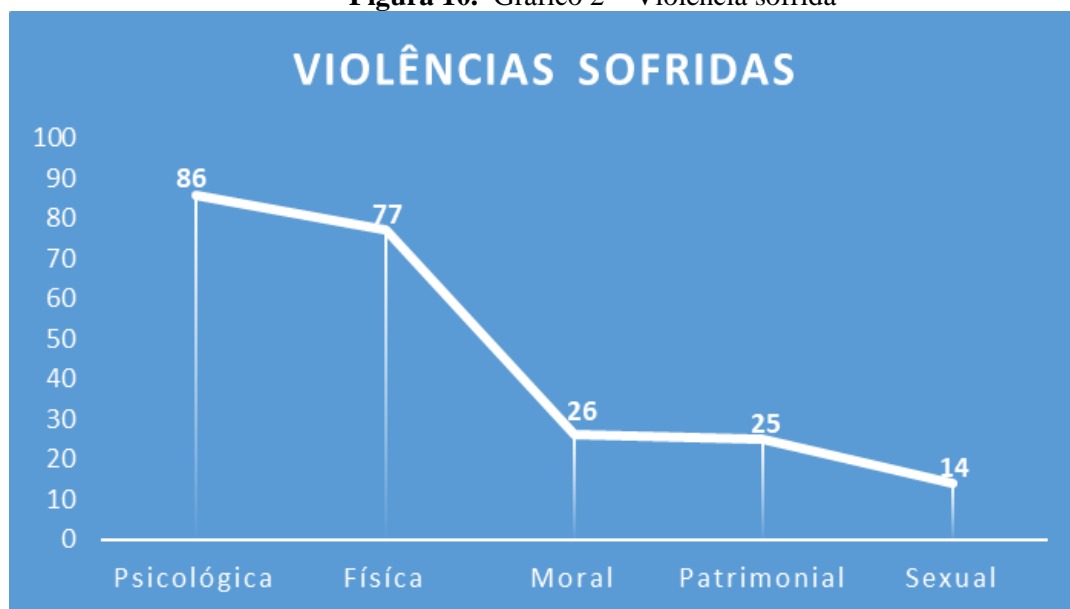


Figura 10. Gráfico 2 – Violência sofrida

Fonte: "Formulário de acolhimento do programa NAFVD"

Diante das Figuras 1 e 2 dos resultados, compreende-se que uma mesma mulher pode ter sofrido mais de um tipo de violência como tipifica as Lei Maria da Penha no seu artigo 5°. Portanto, é necessário refletir sobre a situação de violência doméstica sofrida pela mulher, pois as representações sociais nos remetem a reflexão as dimensões dos indivíduos nas suas relações humanas, afetivas, subjetiva e processo de construção cultural, e a relevância de construir conhecimento.

De acordo com Moscovici (2017) compreende-se que as representações "deve ser visto como uma 'atmosfera', em relação ao indivíduo", nesse mesmo contexto podemos ver a violência doméstica. Diante dos fatos, da cena da novela "Segundo sol" e dos resultados que a mulher sofre no mínimo duas ou mais violência doméstica na sua relação com seu parceiro e ou companheiro, então, como fica a questão das representações sociais que a partir das suas ações há mudança no indivíduo e não uma reprodução?

Podemos partir que essa mudança pode ser vista em ambos os lados quando os meios de comunicação colocam a cena da Nice e Agenor, num conflito no casamento e que essa relação há amor, companheirismo e anos de vivência. Entretanto, há uma mulher que é desrespeitada, desvalorizada e agredida de forma gratuita somente pelo fato de ser mulher. Desse modo, há uma violência de gênero onde a mulher é um sexo que não pode ser pensado e é irrepresentável.

Em meio a este resultado do "formulário de acolhimento" do programa NAFVD, do qual foi levantado cem respostas sobre qual tipo de violência doméstica sofrida na relação com seu companheiro e ou parceiro que a mulher passou. Ressaltamos que as

violências psicológica, física, patrimonial e moral estão iminentemente interligadas, podemos perceber com clareza nos papéis entre o casal Nice e Agenor.

Dessa forma, os resultados e a discussão realizada indicam que essa relação de poder que é imposta e ensinada na sociedade em que o homem detém do poder, que o macho é viril e obrigatoriamente tem que mostrar sua força animal e está no poder. É ele quem manda na relação para assim, ficar evidente quem é quem na relação. Moscovici (2017, p. 100) corrobora quando diz que as “representações sociais determinam tanto o caráter do estímulo como a resposta que ele incita, assim como, em uma situação particular, eles determinam quem é quem”.

5. Considerações finais

As proposições de Moscovici abrem novas perspectivas nas Ciências Sociais, apontam caminhos para as representações sociais no campo da violência doméstica e violência de gênero. As representações buscam explicitar como os saberes, ao nível social, permitem a coletividade processar um dado conhecimento veiculado pela mídia, transformando-o numa propriedade impessoal, pública, que permite a cada indivíduo manuseá-lo e utilizá-lo de forma coerente com os valores e as motivações sociais da coletividade a qual pertence.

A violência doméstica que a mulher sofre pode ser um indicativo que há na relação do casal, da qual pode ser de poder. Os dados apresentados da pesquisa documental, também podem edificar os meios de comunicação que visam, difundir ou propagar determinadas representações. É importante que a sociedade desperte o olhar para violência doméstica entender que não se trata apenas de uma relação de um casal, mas de uma questão de saúde pública.

Referências bibliográficas

ARENDRT, H. **Sobre a Violência**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

BANDEIRA, Lourdes Maria. **Violência de gênero**: a construção de um campo teórico e de investigação. Sociedade estado, Brasília, v. 29, n. 2, Ago. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922014000200008>>. Acesso em: 05 ago. 2018. p. 449-469

BRASIL. **Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006.** Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher... Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 8 ago. 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>. Acesso em: 16 jul. 2018.

CHAUÍ, Marilena. **Uma Ideologia Perversa.** Folha de São Paulo. São Paulo. Disponível em: Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/dc_1_4.htm>. Acesso em: 05 ago. 2018. p. 3.

DINIZ, Gláucia Ribeiro Starling. **Condição Feminina:** Fator de risco para saúde mental? In: Maria das. Graças da Paz & Alvaro Tamayo (Org.). Escola, saúde e trabalho: Estudos psicológicos. Brasília: Editora UnB. 1999. p.181-197

FERREIRA, Marcus G. Paul Lazarsfeld (1901-1976). **Clássicos da comunicação:** os teóricos: de Peirce a Canclini/ Leonel Aguiar, Adriana Barsotti, (Org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

JORDÃO, Janaína V. de P. **Valor-aparência:** aparências de classe e hierarquias do cotidiano. 2015. 324f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e Educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. São Paulo: Vozes, 2014.

McCOMBS, Maxwell. **A teoria da agenda:** a mídia e a opinião pública. Tradução de Jacques A. Wainberg. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MEDEIROS, Magno. **Mídia e poder:** dinâmica conflituosa do sujeito-desenata. In: TEMER, Ana Carolina (Org.). Mídia Cidadania e Poder. Goiânia: FACOMB/FUNAPE, 2011.

MELO, Mônica de, Teles, Maria Amélia de Azevedo. **O que é violência contra a mulher.** São Paulo: Brasiliense. 2003.

MORAES, Dênis; RAMONET, Ignácio; SERRANO, Pascual. **Mídia, poder e contrapoder:** da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** Traduzido do por Pedrinho A. Guareschi. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso.** Campinas: Pontes, 2003.

SAFFIOTI, H. I. B. **Violência estrutural e de gênero:** Mulher gosta de apanhar? In: Camargo, M. (Org.) Programa de Prevenção Assistência e combate à violência contra a Mulher. Plano Nacional de Políticas para as Mulheres. Brasília: Secretaria de Políticas para as mulheres, 2003. p. 27-38

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência.** 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCOTT, J. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Educação e realidade. v. 20 (2), jul./dez. 1995.

TUZZO, Simone A. **Deslumbramento coletivo:** opinião, mídia e universidade. São Paulo: Annablume, 2005.